

MEMÓRIAS DO LUGAR: A CONSTRUÇÃO ENUNCIATIVA DA IDENTIDADE E DO PERTENCIMENTO

Ilderlândio Assis de Andrade Nascimento¹
Antonio Flávio Ferreira de Oliveira²

RESUMO: Assumindo que o movimento de (re)atualização de memórias dos sujeitos e seus lugares de origem tem suas causas na tentativa de (re)afirmação identitária na tensa relação com o lugar de origem e com o outro, este trabalho analisa enunciados que instituem lugares de memórias na construção do pertencimento e da identidade do sujeito vieirense, a partir de postagens no *Facebook*. Como pressuposto teórico, utiliza as noções de enunciado conforme se encontra nos postulados do chamado Círculo de Bakhtin, mais precisamente, Bakhtin (2011) e Volochínov (2013), e mobiliza os estudos da memória nas perspectivas de Halbwachs (1990), Le Goff (1990), Bergson (2006) e Nora (1993). A análise evidencia que as memórias evocam os seguintes lugares: (i) as práticas socioculturais do passado; (ii) as comidas; (iii) os costumes e as práticas religiosas; e (iv) as brincadeiras infantis. Os enunciados analisados apresentam uma regularidade estrutural. Essa estrutura em funcionamento aponta para a relação entre o dizer, a confissão de pertencimento ao lugar – o *diz que é* – e a vivência, a experiência de algumas práticas que marcam a memória da cidade. Desse modo, as memórias evocadas ressaltam o ter experienciado certas práticas como elemento essencial do pertencimento e da identidade em relação à cidade. Nesse sentido, ser da cidade, ser do lugar – ser vieirense – exige fazer parte do passado desse lugar e compartilhar os lugares de memórias desse mesmo lugar.

PALAVRAS-CHAVE: Lugares de memória; Enunciado; Identidade e pertencimento; *Facebook*.

ABSTRACT: The movement of memory of the subjects and their origin place reflects on their identity (re)affirmation. Thus, this work, from facebook posts, analyses utterances that institute places of memories in the construction of belonging and identity of *vieirense* subjects. As theoretical approach, it was used the notions of utterances as it was postulated by the Bakhtin's Circle, especially by Bakhtin (2011) and Volochínov (2013); as well as by the studies about memory of Halbwachs (1990), Le Goff (1990), Bergson (2006) and Nora (1993). The analysis evidences that the memories evoke the following places: (i) the socialculatural practices of the past; (ii) the food; (iii) the religious and the costumes practices; (iv) the childlike games. The analysed utterances present a structural regularity and this strucutre in operation points at the relation between the manner of saying, the belonging to the place confession, the saying of being and the experience of some practices that marked the memory of the town. In this sense, the evoked memories establish the experiences of certain practices as the essential element of the belonging and the identity in relation to the town. Thus, being of a town, being of a place – being vieirense – demands to make part of the past of this place as well as sharing the places of memories of the same place.

KEY WORDS: Places of memories; Utterance; Identity and belonging; Facebook.

Introdução

¹ Doutor em Linguística pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal da Paraíba. <ilderlandionascimento@yahoo.com.br>. <http://lattes.cnpq.br/6725172619221610 >.

² Doutor em Linguística pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal da Paraíba. <flavioccaa@hotmail.com>. <http://lattes.cnpq.br/9135082868317719 >.

Na primeira metade do mês de março de 2018, explodiu nas redes sociais, mais precisamente no *Facebook*, um movimento que carregava em seu seio o afloramento de memórias que agregavam os sujeitos aos seus lugares de origem. De modo mais preciso, esse movimento consistiu na publicação, por parte dos usuários do *Facebook*, de postagens que colocavam em questão uma afirmação de pertencimento à determinada cidade – um **diz que é de** – em oposição à vivência e à experiência de certas práticas características dessa mesma cidade.

Nesse sentido, as postagens questionavam pertencimentos e discursos de sujeitos em relação às cidades de origem. Tal movimento funcionou como (re)atualização da memória de cidades, de povos, de comunidades. É, também, um movimento de agregação, pois reafirma identidades, e de exclusão, já que nega pertencimentos a quem não vivenciou determinadas práticas constitutivas da história da cidade.

Materializados na rede social, e como toda tendência de momento, os enunciados produzidos durante essa (re)atualização de memórias e identidades têm curta duração, pois logo deram lugar a outras postagens. No entanto, tais enunciados deixaram suas marcas, solidificaram identidades, estabeleceram fronteiras, (re)confirmaram e/ou negaram identidades.

O propósito deste estudo é, assim, analisar os lugares de memórias que constituem o lugar (a cidade), mais precisamente, a constituição de uma identidade de pertencimento, a partir dos enunciados postados no *Facebook*. Para isso, analisaremos enunciados de sujeitos que se afirmam pertencer a uma pequena cidade do interior do Rio Grande do Norte, a saber, a cidade de Marcelino Vieira³. De forma mais precisa, objetivamos identificar e compreender os lugares de memória que constituem o pertencimento e a identidade do sujeito viefirense em enunciados postados no *Facebook*.

A escolha dos enunciados em torno da memória e da identidade do sujeito viefirense se deu, além da necessidade de delimitação, em razão do contato que os autores têm com a história, os sujeitos e, principalmente, com os enunciados publicizados em relação à identidade do referido lugar.

³Marcelino Vieira é um município brasileiro no interior do estado do Rio Grande do Norte, Região Nordeste do país. Situa-se na microrregião de Pau dos Ferros e mesorregião do Oeste Potiguar, distante 400 quilômetros a oeste da capital do estado, Natal. Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, ocupa uma área de aproximadamente 346 km², e sua população no censo de 2010 era de 8 265 habitantes. Segundo o mesmo instituto, todos os habitantes eram brasileiros natos (80,83% naturais do município), dos quais 98,13% nascidos na Região Nordeste (98,13%), 1,31% no Sudeste e 0,56% no Centro-Oeste.

O estudo mobiliza duas perspectivas teóricas, em uma tentativa de convergência, visando compreender os enunciados investigados. A primeira diz respeito às noções de enunciado conforme se encontra nos postulados do chamado *Círculo de Bakhtin*, mais precisamente, Bakhtin (2011) e Volochínov (2013). A segunda perspectiva compreende os estudos da memória e dos lugares de memória, que se encontram nos estudos de Halbwachs (1990), Le Goff (1990), Bergson (2006) e Nora (1993).

Levando em conta essas duas perspectivas que nos ajudam a compreender noções importantes neste estudo, dividimos a apresentação desta pesquisa em três tópicos principais, além desta introdução e da conclusão. No primeiro tópico, discutiremos a noção de enunciado na perspectiva bakhtiniana. No segundo tópico, voltaremos nossa atenção para a noção de memória e de lugares de memória na perspectiva de Halbwachs (1990), Le Goff (1990), Bergson (2006) e Nora (1993). Logo em seguida, analisaremos os enunciados que compõem o *corpus* desta pesquisa, evidenciando a construção enunciativa da memória, da identidade e do pertencimento ao lugar.

1. O enunciado: uma unidade concreta de sentido

O enunciado constitui o produto da interação humana. É uma unidade concreta de sentido, formada pela composição dos seguintes elementos: os elementos da língua; os elementos da vida; os elementos da necessidade comunicativa; os elementos que compõem a esfera na qual está sendo produzida a enunciação; os elementos do conjunto de respostas que compõem o imaginário do conjunto tempo-espacial que constitui a situação, isto é, o conjunto de acontecimentos que se dissipam nos limites do tempo e do espaço.

De acordo com Volochínov (2013), o outro é o elemento primordial no processo de construção do enunciado. A relevância desse elemento de composição se dá haja vista a relação entre o locutor e o interlocutor que, na visão dos estudos do *Círculo de Bakhtin*, institui o teor de mobilidade entre o locutor ser, ao mesmo tempo, quem enuncia e quem responde à enunciação concomitantemente. Isso acontece devido ao fato de esse locutor ser compreendido como a instância discursiva na qual se cruzam os elementos necessários para que se estabeleçam o intercâmbio de respostas.

Na concepção de Bakhtin (2011, p. 272), “cada enunciado é um elo na corrente complexamente organizada de outros enunciados”. Em outras palavras, podemos afirmar que,

na tessitura do enunciado, enforma-se o lugar de atravessamento das produções enunciativas de todos os enunciados já produzidos nas diversas esferas da enunciação. Dessa maneira, é nesse lugar que as respostas se imbricam e possibilitam, pelo tom particular do sujeito enunciador, em forma de autoria, que sejam produzidas as particularidades que estabelecem os efeitos de unicidade e concretude de cada enunciado.

Afirmar que o enunciado se forma pela força valorativa da corrente que liga os enunciados aos processos históricos significa dizer que a força do tempo é um elemento sumamente importante para que haja o deslocamento e a mobilização de sentidos no vir-a-ser dos enunciados. Nesse sentido, podemos consolidar que é por esta razão que o enunciado se firma como um elemento comunicativo de extrema complexidade, pois, olhando por esse ângulo, vemos que a materialidade, isto é, os elementos linguísticos, não representam os elementos mais importantes no processo de enunciação, mas elementos semióticos que dependem do atravessamento das valorações da vida. Nesse caso, é pela força do cruzamento dos elementos semióticos com os elementos da vida que ao enunciado é atribuída a carga de valorações infinitas, as valorações que, ao serem entoadas e ganhadas autorias, representam a necessidade de comunicação e a unicidade do evento discursivo.

Como, apropriadamente, destaca Bakhtin (2011), o processo de intercâmbio, de respostas que conferem concretude e (in)acabamento ao enunciado, é dirigido por um fenômeno chamado “alternância dos sujeitos do discurso” (BAKHTIN, 2011, p. 275). De modo particular, isso demarca os lugares virtuais (o tempo do passado e o tempo do futuro) que instanciam a fonte de surgimento e de irrupção dos enunciados do presente. Ademais, de acordo com o autor mencionado, é o processo de alternância que “cria limites precisos do enunciado nos diversos campos da atividade humana e da vida, dependendo das diversas funções da linguagem e das diferentes condições e situações de comunicação [...]” (BAKHTIN, 2011, p. 275).

Feito esse breve apanhado conceitual da noção de enunciado adotada neste trabalho, voltaremos nosso olhar para a noção de memória.

2. Memória e memória coletiva

A temática da memória tem sido discutida por muitos estudiosos, nas várias áreas do conhecimento. Isso exige que façamos uma escolha quanto à perspectiva teórica que

mobilizamos para compreender os enunciados analisados nesta pesquisa. Desse modo, como já assinalamos, dialogaremos com as noções de **memória** presente nos estudos de Halbwachs (1990), Le Goff (1990), Bergson (2006) e Nora (1993).

Maurice Halbwachs (1990, p.26) coloca uma questão pertinente ao estudo da *memória*, a saber, “na realidade, nunca estamos sós”. O aspecto social da vida faz com que nossas lembranças permaneçam coletivas. As lembranças, as memórias, se constroem na relação com o outro.

Halbwachs (1990) propõe a noção de **comunidade afetiva** para compreender a própria construção das memórias dentro de um cenário social, de um grupo. Segundo o autor, a reconstrução de memórias ocorre “a partir de dados ou de noções comuns que se encontram tanto no nosso espírito como no dos outros, por que elas passam incessantemente desses para aquele e reciprocamente, o que só é possível se fizeram e continuam a fazer parte de uma mesma sociedade” (HALBWACHS, 1990, p.34).

No plano da memória de um grupo de uma comunidade afetiva emergem as lembranças dos acontecimentos e das experiências “que concernem ao maior número de seus membros e que resultam quer de sua própria vida, quer de suas relações com os grupos mais próximos, mais frequentemente em contato com ele”, comenta Halbwachs (1990, p.45). A relação com o outro, com outros grupos, implica pensar a memória como construção coletiva.

Para Halbwachs (1990, p. 51), “a memória coletiva tira sua força e sua duração do fato de ter por suporte um conjunto de homens, não obstante eles são indivíduos que se lembram, enquanto membros do grupo”. Nesse sentido, o autor não elimina a memória individual, mas coloca sua emergência na dependência da memória coletiva. As memórias se apoiam umas nas outras. Não existe, portanto, memória isolada de uma comunidade afetiva. “Cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva, que este ponto de vista muda conforme o lugar que ali eu ocupo”, comenta Halbwachs (1990, p. 51).

A memória é coletiva, além disso, em decorrência de outro aspecto, a saber, as palavras, as ideias, os discursos que funcionam como instrumento material que faz a memória funcionar. Nenhuma memória, por mais individual que seja, funciona fora da linguagem do meio social.

A memória, ademais, não é imutável. Ela muda à medida que recua no passado (HALBWACHS, 1990). Essa mudança se realiza no apagamento de algumas impressões e na sobreposição de outras, dependendo das condições sociais em que cada sujeito se encontra

quando se volta para tais memórias. Isso implica pensar as memórias como também um acontecimento do presente, pois a evocação de uma memória não ocorre sem motivos.

Para Jacques Le Goff (1990), graças às memórias, “o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas”. Esse autor destacou o embate pela memória e pelo esquecimento. O tornar-se senhor da memória e do esquecimento “é uma das grandes preocupações das classes, dos grupos, dos indivíduos que dominaram e dominam as sociedades históricas” (LE GOFF, 1990, p. 424). A memória pode, assim, ser manipulada, distorcida, silenciada.

Le Goff (1990, p.476) postula que:

A memória coletiva faz parte das grandes questões das sociedades desenvolvidas e das sociedades em vias de desenvolvimento, das classes dominantes e das classes dominadas, lutando todas pelo poder ou pela vida, pela sobrevivência e pela promoção.

Concernente a essa citação, destacamos o fato de que a memória está ligada às lutas dos grupos pela sobrevivência. Essa sobrevivência pode significar a própria identidade de um povo, de um grupo, de uma comunidade, ou seja, as memórias (re)atualizam identidades, funcionando como argamassa social.

Acerca da relação entre memória e identidade, Le Goff (1990, p. 477) afirma com precisão que “a memória é um elemento essencial do que se costuma chamar identidade, individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje, na febre e na angústia.” A memória não apenas diz respeito ao passado mas também estabelece relação dinâmica com o presente e com o futuro.

Ao discutir esse tema, Bergson (2006) estabelece uma distinção entre **imaginar** e **lembrar**. Eis a distinção:

Imaginar não é lembrar. Uma lembrança, à medida que se atualiza, sem dúvida tende a viver numa imagem; mas a recíproca não é verdadeira, e a imagem pura e simples não me remeterá ao passado a menos que tenha sido de fato no passado que eu a tenha ido buscar, seguindo assim o progresso contínuo que a levou da obscuridade para a luz (BERGSON, 2006, p. 49).

As lembranças vivem nas imagens, nos objetos, nas práticas. Acrescentemos que as imagens, os objetos e as práticas, por si sós, não instauram memórias, não são valoradas, não possuem valor simbólico. Para que isso ocorra, são necessárias a presença dos sujeitos sociais, a ação e a interação humana.

As memórias do passado fazem com que esse passado retorne à consciência, servindo para compreender o presente e construir a imagem do porvir. Ao mesmo tempo, a memória é sempre atual e mantém um elo com o vivido no eterno presente.

A memória também traz à tona o esquecimento. Parece que não há memória sem esquecimento: memória implica esquecimento. A memória é alimentada pelas lembranças vagas, telescópicas, globais ou flutuantes, particulares ou simbólicas, sensíveis às transferências, cenas ou projeções (NORA, 1993). Ocorre que não são todas as lembranças, não são todas as cenas que alimentam a memória.

A memória é responsável por unir grupos. Esse ponto de vista foi apresentado por Nora (1993), quando diz que a memória emerge de um grupo que ela une. O autor ainda acrescenta: “há tantas memórias quantos grupos existem; [...] ela é, por natureza, múltipla e desacelerada, coletiva, plural e individualizada” (NORA, 1993, p. 9).

Outro aspecto importante da memória, destacado por Nora (1993), é que ela “se enraíza no concreto, no espaço, no gesto, na imagem, no objeto” (NORA, 1993, p. 9). Esse enraizamento da memória no concreto, no espaço, no gesto etc., é denominado pelo mesmo autor de lugares de memória. “Os lugares de memória são, antes de tudo, restos”, afirma Nora (1993, p. 12).

Os lugares da memória são, nos três sentidos da palavra, material, simbólico e funcional. Esses três aspectos não são excludentes, mas coexistem sempre. Vejamos o argumento de Nora (1993), acerca da coexistência desses aspectos na constituição dos lugares de memória:

[...] mesmo um lugar de aparência puramente material, como um depósito de arquivos, só é lugar de memória se a imaginação o investe de uma aura simbólica. Mesmo um lugar puramente funcional, como um manual de aula, um testamento, uma associação de antigos combatentes, só entra na categoria se for objeto de um ritual. Mesmo um minuto de silêncio, que parece o exemplo extremo de uma significação simbólica, é ao mesmo tempo um recorte material de uma unidade temporal e serve, periodicamente, para uma chamada concentrada da lembrança. Os três aspectos coexistem sempre (NORA, 1993, p. 21-21).

Destacamos a coexistência dos aspectos material, simbólico e funcional na constituição de um lugar de memória. A memória se ancora em um objeto do mundo, um objeto material, mas também pode se ancorar em algo funcional ou até mesmo em um ritual, uma prática simbólica. Em todo caso, os aspectos material, funcional e simbólico estão envolvidos na constituição de um lugar de memória.

3. Memórias do lugar: a construção enunciativa da identidade e do pertencimento

Os enunciados que iremos analisar começaram a circular no *Facebook*, nas duas primeiras semanas do mês de março de 2018. Constatamos que tais enunciados instauram memórias da cidade. Tais memórias são evocadas como lugares de afirmação (e/ou negação) do lugar. Portanto, são memórias constitutivas da identidade e do pertencimento à cidade, ao grupo.

Em linhas gerais, a análise evidencia que as memórias evocam os seguintes lugares: (i) as práticas socioculturais do passado; (ii) as comidas; (iii) os costumes e as práticas religiosas; e (iv) as brincadeiras infantis.

Ademais, os enunciados, em termos de estrutura, apresentam uma regularidade. Nesse caso, um dizer, que é atribuído a um outro não especificado, é contraposto por meio da conjunção adversativa “mas” (**diz que é de..., mas...**). Essa estrutura em funcionamento aponta para a relação entre o dizer, a confissão de pertencimento ao lugar, o **diz que é**, e a vivência, a experiência de algumas práticas que marcam a memória da cidade.

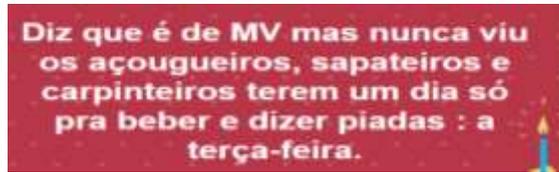
Em outras palavras, esses enunciados enfatizam o ter experienciado certas práticas como elemento essencial do pertencimento e da identidade em relação à cidade. Nesse sentido, ser da cidade, ser do lugar – ser vieirense – exige fazer parte do passado desse lugar e compartilhar os lugares de memórias desse mesmo lugar.

Assim, de início, enfatizamos o caráter criador da linguagem. Foi Volochínov (2013, p. 155) que afirmou que “com a linguagem se criam e se formam os sistemas ideológicos, a ciência, a arte, a moral, o direito, e ao mesmo tempo a linguagem cria e forma a consciência de cada homem”. Tal concepção de linguagem orienta para o estudo da palavra como elemento que permeia e organiza as relações sociais. Por extensão, é por meio da linguagem que se criam e se compartilham as memórias.

Dito isso, passemos à análise dos enunciados, classificando-os de acordo com os lugares de memórias que evocam.

3.1 A memória das práticas socioculturais do passado

A análise constatou determinadas memórias ancoradas em algumas práticas socioculturais. Esse lugar de memória é evocado como necessário na constituição da identidade do sujeito vieirense, portanto, pertencente ao lugar. Vejamos os enunciados abaixo:



O enunciado em destaque estabelece a necessidade de o sujeito pertencente ao lugar, ser testemunha ocular de determinado costume, a saber, “os açougueiros, sapateiros e carpinteiros terem um dia só pra beber e dizer piadas: a terça-feira”. Assim, pertencer à cidade (de Marcelino Vieira) é ter visto essa prática se efetivar. O fato de açougueiros, sapateiros e carpinteiros tirarem a terça-feira para **beber e dizer piada** surge, então, como marca do lugar, como lugar memória da cidade.

Essa memória é evocada, possivelmente, porque houve uma repetição da prática, do costume, capaz de marcar a identidade do lugar. Tal memória, cabe dizer, seleciona três profissões: açougueiros, sapateiros e carpinteiros. Essas profissões dizem muito da própria identidade do lugar, da cidade em questão, pois dialogam com o seu passado de pouca variedade de trabalhos, informalidade e economia voltada para a mão de obra não industrializada.

Além disso, a ponta para a prática do trabalho autônomo e informal, desprovido de direitos, como salário, carteira de trabalho assinada, entre outros. O enunciado ainda revela o próprio perfil histórico e econômico da cidade, pois mostra uma prática de comércio autônomo, que faz circular o capital entre os moradores do lugar. O açougue, por exemplo, faz funcionar o comércio, ao comprar animais aos agricultores e, posteriormente, vender a carne aos habitantes da cidade.

É interessante notar que o enunciado em análise retoma também a memória do não-trabalho, ou seja, do dia de beber e contar piada. Possivelmente, a prática cultural de “Tirar um dia para beber e contar piada” explica a existência da grande quantidade de bares que acompanham o crescimento da cidade. Assim, um dia para beber e contar piada constitui um lugar de memória.

Vejamos mais um enunciado:

Diz ser vieirense mas nunca viu
matar o Judas, no sábado de
aleluia lá no campo de futebol
beira rio

No enunciado em destaque, ser vieirense é ter visto “matar o Judas, no sábado de aleluia no campo de futebol beira rio”. Essa memória encontra lugar em uma prática, a tradição vivida no período da páscoa. Mas não apenas isso, a memória seleciona o lugar: campo de futebol beira rio. Esse é o lugar tradicional da celebração, da memória, é o lugar compartilhado pelos sujeitos da memória. Desse modo, o enunciado coloca uma exigência: ser vieirense pressupõe ter presenciado a tradição da semana santa.

Além das práticas socioculturais, os anunciados também (re)atualizam as comidas do lugar como lugar de memória e como marca de pertencimento à cidade.

3.2 A memória das comidas do lugar

Como dito acima, as memórias estão ancoradas também nas comidas feitas por pessoas do lugar. Vejamos os seguintes enunciados:

Diz que é filho de Marcelino
Vieira mas nunca comeu do
alfinin de Joana Mossoró

O enunciado em destaque coloca como elemento da identidade do lugar, do pertencimento à cidade, o ter comido “do alfinin de Joana Mossoró”. A produção e venda desse produto, possivelmente, se tornou algo popular, do conhecimento dos moradores da cidade, em um determinado período da história de Marcelino Vieira. Por algum motivo, talvez pela qualidade e notabilidade do produto, essa memória seleciona o nome da responsável pelo produto “Joana Mossoró”.

Importante dizer que esse tipo de comida, atualmente, não é mais popular na cidade, ou seja, não se conhece ninguém que a produza e que seja notada/lembrada por causa disso. A ausência, no presente, desse tipo de comida talvez seja um motivador da memória, que busca no passado preencher um vazio do presente.

O enunciado abaixo apresenta outra comida como lugar de memória e como marca constitutiva do sujeito “filho de Marcelino Vieira”.

Diz que é filho de Marcelino
Vieira, mas nunca comeu da
geleia de Borge e Joaquina.

Muito semelhante ao caso anterior, nessa ocorrência vemos que a memória do lugar retoma o lugar da produção e consumo de uma comida feita por alguém da cidade. Assim, somente é filho de Marcelino Vieira aquele que “comeu da geleia de Borge e Joaquina”. A comida, no caso a geleia, é discursivizada como elemento de marcação da identidade do sujeito filho de Marcelino Vieira.

A forma enunciativa que materializa essa memória, como nos demais casos, é excludente e instaura um contraste. É excludente porque restringe a filiação ao comer da geleia. E instaura um contraste porque coloca aqueles que não comeram desse produto, mas que são filhos de Marcelino Vieira, numa contradição, pois o **diz que é filho** precisa ser corroborado na prática da experiência do “comeu da geleia de Borge e Joaquina”. Consequentemente, não ter comido da geleia é não ter experienciado o ritual de filiação, é não ser filho de Marcelino Vieira.

Outro lugar de memória identificado nos enunciados diz respeito às práticas religiosas. Trataremos desse lugar no próximo tópico.

3.3 A memória dos costumes e práticas religiosas

As práticas religiosas também aparecem como lugares de memória da cidade. Nos enunciados abaixo, constatamos as práticas religiosas em torno da “festa de Santo Antônio”, que é tido como o padroeiro da cidade desde suas origens fundacionais. A história da cidade se confunde com a história da influência católica, com as crenças em torno do santo padroeiro. Assim, os enunciados a seguir (re)atualizam e confirmam esse lugar de memória como marca identitária dos sujeitos e da própria origem da cidade, marcada por narrativas religiosas em torno da crença em santo Antônio.

Diz que é de Marcelino Vieira
mas nunca esperou pelas
roupas que Lucas Biró trazia de
SP pra vender pra festa de
Santo Antônio

Nesse enunciado em destaque, evoca-se uma prática dos moradores da cidade de Marcelino Vieira, a saber, a participação na festa religiosa de Santo Antônio. Essa festa ocorre tradicionalmente durante o mês de junho. São doze noites de celebrações religiosas. As ruas são enfeitadas, vendedores e parques se aglomeram no centro da cidade. Nesse período, a cidade recebe um grande número de pessoas vindas de outros lugares. É também o momento em que os chamados “filhos ausentes” retornam à cidade para a festa.

O enunciado em análise seleciona um aspecto interessante, a saber, o movimento do comércio em torno da festa, mas precisamente o fato de vendedores trazerem roupas de São Paulo para vender na cidade, tendo em vista o uso de tais roupas durante a festividade religiosa. No entanto, devido ao surgimento de lojas na cidade e a facilidade de comprar roupas em outras cidades e mesmo pela *Internet*, a prática mencionada pelo enunciado deixou de existir na cidade, ou seja, atualmente não se espera alguém trazer roupa de São Paulo para comprar.

Com essa nova configuração, sem dúvidas, a memória passa por evoluções e transformações. Nora (1993) atribuiu essas evoluções ao fato de elas, as memórias, serem a própria vida dos sujeitos. Nesse sentido, as memórias estão abertas, sendo “vulnerável a todos os usos e manipulações, susceptíveis de longas latências e de repentinas revitalizações” (NORA, 1993, p. 12).

Diz que é de MV, mas nunca ficou de noite e madrugada na rua para acompanhar a alvorada da festa do padroeiro.

O enunciado em tela retoma uma prática religiosa da cidade, qual seja, a noite em que os fieis pernoitam para acompanhar, de madrugada, “a alvorada da festa do padroeiro”. Essa é uma prática religiosa antiga que marca, de certa forma, a identidade do lugar.

Um tipo de religiosidade do sujeito vieirense é aqui evocado. Pierre Nora (1993), ao comentar a noção de memória, definiu-a como sendo a vida. A memória em análise convoca a própria vida religiosa do sujeito vieirense. “A memória é a vida, sempre carregada por grupos vivos”, comenta Nora (1993, p.12). Com isso, a memória em questão não existe fora do grupo, fora da experiência daqueles que fazem a história do lugar.

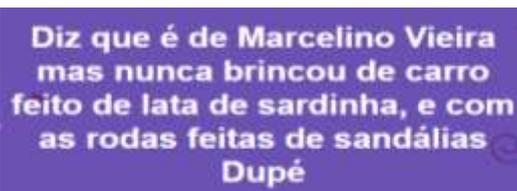
Ademais, são os enunciados que formam ideologicamente a memória. Como bem entendeu Volóchinov (2017, p. 97), “a lógica da consciência é a lógica da comunicação

ideológica, da interação sógnica de uma coletividade”. Com isso, o autor enfatiza a natureza social da consciência e do enunciado. Portanto, não há consciência e memória fora do rio social. É desse rio social que a memória bebe, alimentando-se dele ao ponto de fincar raízes.

Por último, constatamos que os enunciados também materializam a memória das brincadeiras infantis antigas, que marcaram um período de tempo e, conseqüentemente, agregam os sujeitos à cidade.

4.4 A memória das brincadeiras infantis

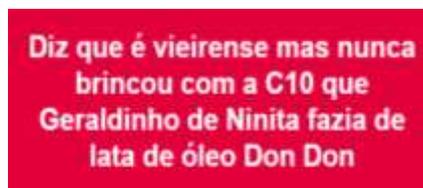
As memórias das brincadeiras infantis selecionam práticas ancoradas na confecção de brinquedos construídos a partir de embalagem de produtos, como latas de sardinha e latas de óleo. Vejamos os seguintes enunciados:



Diz que é de Marcelino Vieira
mas nunca brincou de carro
feito de lata de sardinha, e com
as rodas feitas de sandálias
Dupé

No enunciado em destaque, a memória retoma o modo como as crianças brincavam, enfatizando os brinquedos utilizados, “carro feito de lata de sardinha, e com as rodas feitas de sandálias Dupé”. A dificuldade financeira das famílias impossibilitava a compra de brinquedos para as crianças. Assim, elas mesmas (ou alguém com habilidade) construía brinquedos de latas de sardinha.

Essa prática marcou a infância de muitos sujeitos que, ao vivenciarem uma nova realidade em que as brincadeiras se deslocaram para o mundo virtual, lembram as brincadeiras da infância como algo que os fazem pertencer ao lugar.



Diz que é vieirense mas nunca
brincou com a C10 que
Geraldinho de Ninita fazia de
lata de óleo Don Don

Nesse outro enunciado, mais uma vez, constatamos a memória ancorada na brincadeira com **carros (C10)** feitos de **lata de óleo Don Don**. Nesse caso, a memória faz lembrar um sujeito que construía os brinquedos: Geraldinho de Ninita. Possivelmente, ele foi alguém que ficou conhecido na cidade por construir os carros de lata para as crianças.

Diante das ocorrências analisadas, percebemos que as memórias se enraízam nos costumes, nas práticas, nas tradições, nos lugares físicos, nas comidas, nos objetos etc. Como bem destaca Nora (1993), as memórias se enraízam **no concreto, no espaço, no gesto, na imagem, no objeto**. Esses **lugares de memória** se constituem resquícios, fragmentos, mas que servem como argamassa que mantém sujeitos entrelaçados entre si e com o espaço, a cultura, as tradições, os costumes etc.

Cabe afirmar, ainda, que a memória não diz respeito apenas ao passado, mas estabelece relação dinâmica com o presente e com o futuro. Numa elucidativa afirmação, Le Goff (1990, p. 478) pontua que “a memória procura salvar o passado para servir o presente e o futuro”. Essa relação do passado com o presente por meio da memória foi colocada por Bergson (2006, p. 47) do seguinte modo:

Inteiro, sem dúvida, ele [o passado] nos segue a todo instante: o que sentimos, pensamos, quisemos desde nossa primeira infância está aí, debruçado sobre o presente que a ele irá se juntar forçando a porta da consciência que gostaria de deixá-lo de fora.

Olhando a questão pelo prisma enunciativo, é possível dizer que os enunciados instauram um processo de intercâmbio, pois, conforme postula Bakhtin (2011), todo enunciado solicita respostas, conferindo-lhe concretude e (in)acabamento. As memórias materializadas por meio dos enunciados solicitam a participação do outro, seu acordo ou desacordo. Esse direcionamento do enunciado para um outro pode ser chamado de “alternância dos sujeitos do discurso” (BAKHTIN, 2011, p. 275). Assim, as memórias postadas na rede não voltam vazias, mas encontram sempre um terreno fértil onde prospera.

Ademais, em consonância com essa compreensão, a noção de memória coletiva institui a importância do outro na construção enunciativa. Discutindo a noção de memória coletiva, Halbwachs (1990, p. 54) diz que “um homem, para evocar o próprio passado, tem frequentemente necessidade de fazer apelo às lembranças dos outros. Ele se reporta a pontos de referência que existem fora dele, e que são fixados pela sociedade”.

De modo bastante semelhante, Bakhtin (2011) compreende o modo como o falante (o enunciativo) percebe o seu destinatário na construção enunciativa. Vejamos como ele coloca essa questão:

[as] modalidades e concepções do destinatário são determinadas pelo campo da atividade humana e da vida a que tal enunciado se refere. A quem se destina o enunciado, como o falante (ou o que escreve) percebe e representa para si os seus destinatários, qual é a força e a influência deles no enunciado

– disto dependem tanto a composição quanto, particularmente, o estilo do enunciado (BAKHTIN, 2011, p. 301).

Concluímos disso que a teia social que envolve os homens no tempo e no espaço atua fornecendo referências que ancoram os enunciados e as memórias. Tais referências são compartilhadas por grupos, por comunidades afetivas. Cabe salientar ainda que a natureza social do signo confere à memória o elemento da coletividade. Volóchinov (2017) chega a dizer que:

O conteúdo do psiquismo individual é tão social por sua natureza quanto a ideologia, e o próprio grau da consciência da sua individualidade e dos seus direitos interiores é ideológico, histórico e está inteiramente condicionado pelos fatores sociológicos (VOLÓCHINOV, 2017, p. 129).

Quanto à manifestação e divulgação, uma das formas contemporâneas de as comunidades manifestarem suas memórias e (re)atualizarem suas identidades é a rede social virtual. O *Facebook*, na primeira metade do mês de março de 2018, funcionou como ponto de encontro e de partilha de memórias e como espaço de afirmações e de exclusões.

Dito isso, encaminhamos esta discussão para as conclusões finais, sendo necessário elencarmos alguns pontos relevantes.

Conclusão

Diante de ocorrências enunciativas surgidas na primeira metade do mês de março de 2018, este trabalho objetivou identificar e compreender os lugares de memória que constituem o pertencimento e a identidade do sujeito viciense em enunciados postados no *Facebook*. Os enunciados que emergiram nessa rede social materializaram lugares de memórias, agregando as identidades dos sujeitos a determinadas práticas, costumes, comidas e brincadeiras.

As análises revelaram que as memórias evocam os seguintes lugares: (i) as práticas socioculturais do passado; (ii) as comidas; (iii) os costumes e as práticas religiosas; e (iv) as brincadeiras infantis. Os enunciados que materializam esses lugares de memória apresentam uma regularidade, a saber, duas partes que se relacionam por meio da oposição. De modo mais preciso, uma afirmação é atribuída a um sujeito indeterminado e é, em seguida, contraposta por uma conjunção adversativa (**diz que é de..., mas...**). Esse **modelo** de materialidade enunciativa está presente em todos os enunciados que perpassam o movimento (de afirmação de pertencimento?) ocorrido em março de 2018.

As memórias são coletivas e, quando materializadas em enunciados, colocam em questão uma afirmação de pertencimento à cidade de Marcelino Vieira; mais precisamente, evocam as credenciais identitárias que marcam uma filiação ao lugar. Portanto, são memórias que (re)atualizam e (re)constroem a identidade **vieirense**, travando um tenso diálogo com o passado, o presente e o futuro.

É um diálogo com o passado porque são memórias de práticas, objetos e rituais do passado que são atualizados. Com o presente, porque os enunciados são direcionados para interlocutores atuais, que se encontram virtualmente na rede social (*Facebook*). E com o futuro, porque esses enunciados têm em vista, primeiro, uma resposta por vir; e, segundo, porque a própria identidade do lugar é atualizada para gerações futuras.

Os enunciados analisados também revelam que os lugares de memória evocados operam um movimento de agregação e de segregação. A agregação ocorre por meio da reafirmação de identidades. A segregação se manifesta, por sua vez, na exclusão, pois todo aquele que não preenche os requisitos elencados pela memória não são “filhos de Marcelino Vieira”, não são “vieirenses”. Assim, a memória seleciona certos **rituais** que marcam o pertencimento ao lugar.

REFERÊNCIAS

- BERGSON, Henri. *Memória e vida*. Trad. Claudia Berliner. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. *Estética da criação verbal*. 6. ed. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.
- NORA, Pierre. *Entre memória e história: a problemática dos lugares*. *Projeto História*, São Paulo, v.10, dez. 1993.
- LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Trad. Bernardo Leitão [et al.]. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1990.
- HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. Trad. Laurent Léon Schaffter. São Paulo: Edições Vértice, 1990.
- VOLÓCHINOV, Valentin. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. 1. ed. Trad. Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, 2017.

**Artigo recebido em dezembro de 2018.
Artigo aceito em abril de 2019.**